

NO PARADIGMA DO AMOR *PER SI*:

A fuga como resistência, um ato revolucionário de amor

Bruna Souza Ribeiro⁵

Jaciara Cristina da Silva⁶

Elisabete Figueroa dos Santos⁷

Resumo

O presente ensaio teórico objetiva analisar a fuga na sua complexidade sistêmica-simbólica, partindo da seguinte questão: A fuga como resistência pode vir a ser um ato de amor? Para debatê-la, baseamo-nos numa abordagem qualitativa, por meio de um resgate histórico, assim, mobilizamos os conceitos de “resistências escravas” e “re-selvaginização”. Tais noções permitem compreender a teia criada pelo processo de fuga; a qual mobiliza elementos materiais e imateriais, concretos e simbólicos, articulados e acionados pelos sujeitos, a depender da ação estratégica inventada, visando como fim último a liberdade. Acionamos também os conceitos de Ôrí, de Beatriz Nascimento, e o amor como um ato revolucionário, a partir de bell hooks. Discutimos, assim, que há um movimento continuum no processo de fuga e, na dimensão do Ôrí, que dinamiza um amor *per si*, resignificando as lógicas sociais e culturais impostas e, particularmente para mulheres negras, cria possibilidades de afirmarem-se como sujeitos da diáspora com agência própria, capazes de resignificarem suas existências. Concluindo que a fuga é o caminho para se conectar com o Ôrí e diante dessa conexão se torna possível a vivência do amor *per si*.

Palavras-chave: Amor *per si*; Fuga; Resistência.

IN THE PARADIGM OF LOVE *PER SI*:

The fugue as resistance, as revolutionary act of love

Abstract

⁵ Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

⁶ Mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

⁷ Doutora em Psicologia (UFSCar). Professora do Departamento de Psicologia Educacional (DEPE) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). É líder do Grupo de Pesquisa “Diferenças e Subjetividades em Educação” (DiS) e coordenadora associada do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB) da UNICAMP.

This theoretical essay aims to analyze escape in its systemic-symbolic complexity, starting from the following question: Can escape as resistance become an act of love? To debate it, we are based on a qualitative approach, through a historical review, thus mobilizing the concepts of "slave resistance" and "re-savagization". Such notions allow us to understand the web created by the escape process; which mobilizes material and immaterial, concrete and symbolic elements, articulated and activated by the subjects, depending on the strategic action invented, aiming at freedom as the ultimate goal. We also use the concepts of *Ôrí*, by Beatriz Nascimento, and love as a revolutionary act, based on bell hooks. We discuss, therefore, that there is a continuous movement in the process of escape and, in the dimension of *Ôrí*, which energizes a love *per se*, giving new meaning to the imposed social and cultural logics and, particularly for black women, creates possibilities to assert themselves as subjects of diaspora with its own agency, capable of giving new meaning to its existence. Concluding that escape is the way to connect with the *Ôrí* and in the face of this connection, the experience of love *per se* becomes possible.

Keywords: Love *per se*; Fugue, Resistance.

EN EL PARADIGMA DEL AMOR PER SÍ: La fuga como resistencia, un acto revolucionario de amor

Resumen

Este ensayo teórico tiene como objetivo analizar la fuga en su complejidad sistémico-simbólica, a partir de la siguiente pregunta: ¿Puede la fuga como resistencia convertirse en un acto de amor? Para debatirlo, nos basamos en un enfoque cualitativo, a través de una revisión histórica, movilizand así los conceptos de "resistencia esclavista" y "resavaginización". Tales nociones nos permiten comprender la red creada por el proceso de fuga; que moviliza elementos materiales e inmateriales, concretos y simbólicos, articulados y activados por los sujetos, en función de la acción estratégica inventada, apuntando a la libertad como fin último. También utilizamos los conceptos de *Ôrí*, de Beatriz Nascimento, y el amor como acto revolucionario, a partir de ganchos de campana. Discutimos, por tanto, que hay un movimiento continuo en el proceso de fuga y, en la dimensión de *Ôrí*, que dinamiza un amor *per se*, dando un nuevo significado a las lógicas sociales y culturales impuestas y, particularmente para las mujeres negras, crea posibilidades. afirmarse como sujetos de la diáspora con agencia propia, capaces de dar un nuevo significado a su existencia. Concluyendo que escapar es la forma de conectar con el *Ôrí* y ante esta conexión, la experiencia del amor *per se* se vuelve posible.

Palabras clave: Amor *per se*; Fuga, Resistencia.

INTRODUÇÃO

Esse ensaio surge de provocações presentes nos escritos de Beatriz Nascimento, uma mulher negra brasileira que, no seu tempo - e até os dias atuais -, nos ajuda a pensar sobre as dimensões e especificidades de ser negro(a)(e) no Brasil e na diáspora africana, ressaltando a importância desse processo na ampliação da consciência de pessoas negras, em consonância com símbolos de amor e não apenas de dor. Beatriz propõe que esse caminho não é individual, pois precisa ser vivido também na perspectiva da dimensão coletiva da vida. Essa escrita é posicionada, no resgate dos sentidos de fuga durante o processo de escravização das pessoas negras africanas, problematizando as permanências e os devires, em afroperspectiva⁸, das consequências desse processo.

O contexto brasileiro em relação às(aos) escravizados(as) está expresso na língua/linguagem e nas suas atribuições de sentido e significado. Conforme o Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa (MICHAELIS, 2024) "fugido" é "quem se retirou às pressas, se libertou da prisão ou da escravidão, ausentou e desapareceu, escapou, desprende, distanciou, esquivou". A representação sobre o que é a fuga, como resistência, passa, contudo, pela percepção de quem foge e de como e do quê a história conta sobre os (as)(es) fugidos(as). Inspiradas em Beatriz (2022), propomos que em um ato de *rebeldia*, "fugidos" agem com resistência, revolução e reintegração com o ser, para ser. Nesse momento, há o deslocamento para transformar-se, alterar suas bases subjetivas e mover-se rumo ao desconhecido/conhecido, o novo/passado, na busca pela esperança plausível de vida, frente à realidade mortificadora da escravização.

O corpo negro, ao se amar, ativado pela ancestralidade, ama o outro, não em um movimento extensionista, linear, circular, mas orgânico, porque ao desenvolver um amor *per si*⁹, entende aquele(a) fugido(a)(e) como outro no qual também vê a si mesmo, no qual espelha o meu desejo de busca, de perseguir e criar o melhor para si

⁸ A afroperspectiva, resumidamente, é uma abordagem filosófica em diálogo com a multiplicidade de outros saberes, reconhece e legitima a possibilidade de conhecimentos outros (NOGUERA, 2014).

⁹ A palavra em latim objetiva realizar uma virada epistemológica colonizatória, no sentido de usar as próprias palavras outrora impostas agora ao nosso favor, a fim de revindicar um domínio e astúcia.

e nesse movimento se encontra e se (re)constrói. Beatriz Nascimento (2006) não somente compreende a potência da fuga, como também possibilita observarmos na dimensão do Ôrí a conexão entre corpo e memória, elementos significativos no processo *continuum* de ser, pelo ser e para ser.

Esse amor atravessa o corpo. Sua materialidade simbólica, no ato da fuga, se movimenta junto ao Ôrí se re-personificando e renascendo. Para as mulheres negras, às quais impuseram o cuidado de outros(as)(es) como dever antes mesmo de cuidar de si (EVARISTO, 2020), cultivar o amor *per si*, é um amor revolucionário que altera suas bases subjetivas e objetivas, como sujeito com domínio sobre si, que não somente as empodera, mas permite o reconhecimento de si como dona de habilidades e capacidades mobilizadoras do seu entorno ao compreender que é *per sí* que se estende aos seus.

O objetivo deste ensaio é analisar a fuga como um complexo sistêmico, refletindo sobre o paradigma do amor na constituição de pessoas negras, a partir de atos que não são interpretados como representação do que é amor, por exemplo, as fugas das pessoas negras durante a diáspora no Brasil. Para tanto pretende-se analisar algumas das produções escritas e audiovisuais de Beatriz Nascimento, tais como: Ôrí (1989); Nascimento (1985, 2006, 2022), para compor um diálogo com outras referências teóricas, tais como hooks (2021) e Bona (2016) sobre os sentidos e significados de fuga e de amor, para refletirmos sobre como esses conceitos contribuem para busca pelo amor de e entre pessoas negras.

Desta forma, para respondermos se a fuga é um ato de resistência e, se nessa medida, pode ser entendido como forma de amor *per si*, estruturamos o artigo tencionando primeiramente o conceito de resistência, assumindo assim as resistências escravas como lentes potentes para análises das fugas; a partir de então, perscrutamos a fuga expandindo-a nas suas especificidades, por meio dos elementos materiais e imateriais, seguimos com a descrição do sistema complexo da fuga, como teia de estratégias e táticas, em que elementos concretos e abstratos se misturam e trabalham dependendo da disposição dos sujeitos e, por fim, o desenvolvimento do amor *per si*, compreendendo suas implicações, sobretudo, no contexto das mulheres negras.

A FUGA É RESISTÊNCIA

Resistência e poder são duas facetas constitutivas de sistemas sociais vigentes na atualidade. São também temáticas debatidas, sobretudo, no escopo das ciências políticas e de áreas correlatas das ciências humanas. A resistência tem sido conceituada como: “todos os movimentos ou diferentes formas de oposição ativa e passiva que se deram na Europa, durante a Segunda Guerra Mundial, contra a ocupação alemã e italiana” (BOBBIO; MATTEUCI; PASQUINO, 2002, p.114). Contudo, ao tratarmos de resistência, estamos aqui falando de relações de poder em trânsito, de modo que cabe questionarmos: quais têm sido as cosmovisões basilares utilizadas na proposição e definição de resistência e, conseqüentemente, de fuga como elemento que se enquadraria no espectro de estratégias e mecanismos de resistência?

Entendemos resistência como um ato revolucionário, ativo e calculado; da e na conscientização dos indivíduos, ligada ao processo de não-aceitação das imposições (BOBBIO; MATTEUCI; PASQUINO, 2002). Contudo, historicamente, percebe-se haver complexidades epistemológicas, pautas em diferentes cosmovisões, para compreender as fugas como resistência (NASCIMENTO, 1985; BONA, 2016). Considerando o contexto brasileiro, e não somente, temos o atravessamento de outros elementos entendidos como dispositivos limitantes para abordar a temática, dentre eles as epistemologias que embasam as nossas ciências.

Salienta-se que, resistência tem sido um conceito bastante utilizado no campo das ciências humanas, portanto, uma lente por meio da qual podemos analisar a realidade, que se posiciona em função de espaço e tempo, e, acompanha o fluxo social. Para que uma palavra se torne um conceito, é necessário um contexto histórico em relação à mesma, assim como o seu entendimento de “fato linguístico”, capaz de aproximar e traduzir determinado fenômeno social (YAMASHITA, 2013, np), assim, o conceito passa a ser uma lupa teórica para olharmos especificidades sociais determinadas.

Na definição apresentada, a “resistência” é geolocalizada, apesar de haver indícios pelos quais podemos considerar as resistências negras escravizadas, em “todos os movimentos ou diferentes formas de oposição” (BOBBIO; MATTEUCI; PASQUINO, 2002) concomitantemente há entraves, nesta mesma definição ao pontuar uma localização física, política e ideológica estritamente europeia. Apesar da citação não reduzir e traduzir o conceito de resistência na ciência política a noção que

circunscreve a Europa como epicentro deste fenômeno (BOBBIO; MATTEUCI; PASQUINO, 2002), tanto em alusão à revolução francesa (YAMASHITA, 2013) quanto à Segunda Guerra Mundial, culmina, a partir de uma leitura crítica e decolonial, na necessidade de outras análises/experiências e definições de resistência.

Dessa forma, recorrer à ideia de resistência de FOUCAULT (1987), pode expandir o conceito, considerando que esse autor se desvencilha da tradição conceitual-teórica de resistência e propõe uma análise na qual não se expressa uma negação simplória, mas uma coextensividade do poder, ou seja, não existe poder sem haver resistência. Assim, a noção de “resistências escravas” de SCHWARTZ (1987), insere-se em outra gramática, ao considerarmos a inseparabilidade de resistência e poder, é possível perceber a processualidade criativa da resistência, que pode ser exemplificada e interpretada como a fuga, com diferentes estratégias e táticas utilizadas, tais como: redução no ritmo de trabalho, suicídios, infanticídios e fugas, que adentram a transformação situacional no contra-poder colonial.

Estas formas de enfrentamento ao sistema escravagista não se restringiram ao território brasileiro. Desde o século XVI, surgiram *Palenques* e *Cumbes*, assim como *Mocambos* e *Quilombos*, *Maroon communities*¹⁰, todas comunidades/sociedades criadas pela “arte da fuga” (BONA, 2016) de africanos e seus descendentes nas Américas, configurando uma forma de resistência para além de fronteiras estatais; tornando-se um contra-sistema frente às diferentes estratégias de captura escravocratas.

O sistema de fuga é composto por estratégias objetivas (BONA, 2016), materiais elaboradas com elementos da natureza, assim como imateriais/simbólica, presente nos cantos, nas mobilizações organizacionais entre sujeitos-elementos e elementos-sujeitos, tais como: as invocações da liberdade, que pairam no imaginário desejado e se camuflam formando um eu refugiado/em refúgio, cujo movimento não ocorre somente no espaço-tempo, como também em *si-per si*.

A fuga no amor *per si*

A fuga implica em um sistema de teias no qual os elementos se retroalimentam

¹⁰ Palenques e Cumbes surgem na América hispânica, enquanto quilombos e mocambos são do Brasil e maroons communities na Jamaica e na Flórida, Suriname e Guiana (Gomes, 2018).

e visam a liberdade, fim pelo qual mobilizam-se aspectos materiais e imateriais, acionando-se cada fio desta estrutura em função da intencionalidade. Na materialidade da fuga tem-se no corpo e nas matas/natureza os elementos concretos, enquanto na imaterialidade da ordem do simbólico, observam-se canções e linguagens com signos e significados articuladores que, na teia, moldam e alteram a subjetividade do sujeito, provendo-lhes um amor *per si*. Ademais, no sistema da fuga, materialidade e imaterialidade não são dicotômicas, se imiscuem a depender de como são utilizadas pelos sujeitos para possibilitar seu agenciamento.

As matas são acionadas como suporte para criação de “artimanhas” para evasão, assim como tornam-se fonte de suprimentos e abrigo. Nesta, ocorre a recusa de ser “civilizado”, dócil, ou seja, há o processo de “re-selvaginização” (BONA, 2016, p.7): ao embrenhar-se nas matas pratica-se o contato, convívio e diálogo com plantas e animais; desenvolve-se outros saberes e aguçam-se diferentes sentidos.

O corpo cria corporalidades, materializa o processo e neste espaço corpo-território (NASCIMENTO, 2022) é possível compreender o imiscuir do material e imaterial. A fuga materializa o movimento no corpo, que dinamiza o Ôrí; instância que cria agência, rumando e analisando as suas possibilidades. E, é no corpo que negros praticam a sua humanidade, a sua liberdade, os movimentos de resistências negra, tanto estéticos, quanto culturais e/ou religiosos, ocorrem no corpo e pelo corpo (REIS, 2023). Com a fuga não é diferente, semelhante a outros processos de resistência escrava, tem sua própria configuração sistemática, no atravessamento do corpo.

No processo de fuga há um desenvolvimento *per si*, o corpo é um corpo negro de multiplicidades e coletividades, condensando na materialidade do seu físico as memórias da África, assim como da sua etnicidade, concomitante ao desenvolvimento da sua identidade negra. Nessa multiplicidade, o amor *per si* se expande na coletividade: “O corpo negro plural constrói e qualifica outros espaços negros, de várias durações e extensões, nos quais seus integrantes se reconhecem” (RATTS, 2006, p. 59). Está emaranhado como um continuum histórico expurgando uma re-humanização alinhada a um renascer. Esse é um corpo negro que desperta em si e atinge a coletividade, portanto é *per si* que se chega ao outro, assim como é pelo outro que se chega ao Ôrí, numa perspectiva ubuntuana¹¹.

¹¹ Na perspectiva ubuntuana a humanidade é estendida para todos, sendo uma filosofia que resgata a coletividade, a comunidade e a ideia de ser através outras pessoas.

A criatividade também é um elemento imaterial essencial no processo de fuga, atravessa o cognoscível e age na materialidade, se expressa por vezes nas estratégias de sobrevivência. Por meio dos cantos, narra-se, orienta-se e mensageia-se, político-instrutivamente, objetivando às fugas (BONA, 2016).

Há uma resistência rebelde astuta, na ação da fuga, cujo combate não ocorre corpo a corpo, porque nela inventa-se e reinventa-se rotas, possibilidades, habilidades e vivacidades. A fuga é o sistema desenvolvido em busca e pelo elemento da liberdade, entendida como seu o objetivo final, entretanto, nesta busca constroem-se liberdades minuciosas, cujo cerne inicial está na subjetividade. O impulso fugaz, surge no interior de quem se percebe, olha-se e compreende-se em si (per-si). Neste momento, não há amarras, chibatas, ordens ou correntes, é o seu eu ressurgindo, chamando-o novamente e mostrando que há uma nova chance, de avivar um novo-velho ser, em si mesmo, cuja dinamicidade ocorre no Ôrí.

Ôrí não se insere na ordem temporal ocidental, está no passado, presente e futuro. No Ôrí, dinamizam-se identidades individuais e coletivas, assim como tempo e espaço. E é no corpo-território que se guarda a memória, por isso o corpo é nodal no processo de construção do eu, pois esse carrega um lugar simbólico "território abstrato", (REIS, 2019). Este lugar destituído, outrora, se reconstitui no processo de fuga, no recompor-se rumo ao eu.

A fuga é um impulso que ocorre na dimensão do Ôrí, quando o sujeito se insere em um processo cíclico de metamorfose (BONA, 2016) ritualizada de produção de identidades em diáspora, em continuum, cujo espaço-tempo não é físico e/ou cronológico, porque Ôrí movimenta identidade, intelectualidade, terra e memória, passado, presente e futuro. Em prol de algo novo, promove-se renascimento.

"O rito de iniciação é um rito de passagem, de uma idade para outra, de um momento pra outro, de um saber pra outro, de um poder atuar para outro poder atuar" (NASCIMENTO, 1989). A fuga está nessa transição. Na dimensão do Ôrí, nasce um ímpeto de querer viver, ser e poder fazer, perceber-se como sujeito de si, roubado, violado, extraviado no atravessamento do Atlântico.

No momento da reflexão (entendida tanto do ponto de vista da ponderação quanto pelo jogo de espelhos), introspecção do sistema de fuga há um renascer negro, no metamorfoseamento do sujeito, que pari e dá vida ao novo, cujo cordão umbilical na relação corpo-Ôrí retoma vivências e experiências africanas, desses

africanos de identidades étnicas destroçadas que precisam se reconhecer como negros em territórios afrodiaspóricos e, desenvolver práticas de coletividades provindas das suas diferenças étnicas, culturais e/ou religiosas, cada quilombo conta a sua história (RATTS, 2006) e cada sujeito africano desenvolve o seu sujeito negro *per si*.

Na dimensão corpórea desses fugidos, percebe-se a “história viva” (HAMPÂTÉ BÂ, 2010), os compartilhamentos fragmentados na memória do que era a vida em África, em corpo-memória e oralidade, preserva-se a contra-civilização. “E é em torno desses três edifícios que se organiza a vida, pois os mortos são as raízes do vivo. Ser escravo é ter sua história de vida e sua linha anuladas, é ser ninguém, ser um morto social...os fugitivos recompuseram um nós, uma comunidade” (BONA, 2016, p.10).

A reconstituição do ser negro necessita da compreensão de que houve um “descarrilhamento na trajetória de desenvolvimento africano” (NOBLES, 2009, p.283), causada pelo processo de “desafricanização”, de extrair e remover a África de si, para que a escravização se tornasse possível foi necessário o afastamento da consciência de africanos em relação a sua própria humanidade. No momento qual africano se tornou sinônimo de coisa foi possível se escravizar, portanto, essa é a problemática intrínseca na compreensão do ser e de ser africano em diáspora.

Olhar para si e reanalisar-se como sujeito de valores, positivities, capacidades e habilidades não é/foi um processo simples para negros escravizados, o resultado disso são inúmeras produções teóricas de SANTOS (1983), GONZALES (1988), BICUDO (2010), BENTO (2022), FANON (1952), DUBOIS (2021) tratando das consequências psíquicas do processo de escravização para sujeitos racializados e racializadores¹². Organizar-se internamente, com suas experiências, vivências, traumas e potencialidades exige um arcabouço de si, adicionar a coletividade a isso, resulta em um desafio de outra proporção, porque há uma ruptura do eu-negro comigo e eu-negro para com os seus/meus.

A mulher negra nesse processo antes mesmo de conhecer a si mesmo e ao seu corpo é ensinada a cuidar do corpo dos outros (EVARISTO, 2020) e o amor *per si*, que em Nascimento (2022) tem uma dimensão potente, no Ôrí inverte essa lógica e entende que para haver esse amor pelo outro, ele precisa primeiramente estar em

¹² Entende-se como sujeitos racializados aqueles/as/us cuja diferenciação e hierarquização das racialização ocorreu sobre seus corpos, enquanto racializadores são responsáveis por criarem o sistema de racialização, ambos são incutidos em uma perspectiva histórica, entretanto, os resquícios continuam presentes no todo social.

mim. Dessa forma que a narrativa literária, a escrivência de mulheres negras alcançam a coletividade. Esse corpo-coletivo na fuga, foge *per si*, pelos seus e leva outros(as)(es).

A Underground railroad [Ferrovia subterrânea] é um trem fantasma, um simulacro ferroviário, um sublime subterfúgio (subterfugere latino: "fugir escondido"): todos os elementos dessa gigantesca rede de evasão foram descritos e concebidos em termos ferroviários; as famílias que acolhiam os fugitivos eram "estações", os guias eram "os motoristas" ou "chefes de estação" responsáveis pelo transporte das "mercadorias" (os fugitivos). A mais célebre "motorista" foi Harriet Tubman (ela mesma fugitiva): ela fez quase vinte viagens entre o Sul dos Estados Unidos e do Canadá. Mais de 300 escravos devem a ela a sua liberdade. Toda a comunidade Afro-estadunidense (em formação) se reconhecerá nela e a chamará de "Moisés negro". O spiritual "Go Down Moses" foi, aliás, composto para anunciar sua chegada nas plantações e oficinas (BONA, 2016, p.21).

Harriet Tubman foi uma das mulheres que personificou e corporificou a fuga, por sua agência no século XVII, conhecida como Moses (ou Black Moses) é uma mestra/guia na arte da fuga, seu domínio do sistema possibilitou não somente a sua própria fuga, como dos (es)(as) demais que auxiliou no processo. A expertise de Tubman fez com que trabalhasse como escoteira e espiã na Guerra Civil e a partir dos anos 90 dedicou-se ao movimento pelo sufrágio feminino. Tubman teve uma vida marcada por processos complexos oriundos da escravização: uma epilepsia causada por um pedaço de ferro que, era direcionado a outro escravizado fugido, mas a atingiu; o trabalho desde os seis anos; e suas primeiras fugas para não ser vendida após o falecimento do seu senhor (NATIVIDADE, 2019). Esses fragmentos de sua história de vida traduzem o anseio de quem necessita ser conscientizar-se, reivindicando um amor *per si*, para buscar caminhos alternativos e vislumbrar liberdade. Assim, se constitui na fuga e pela fuga.

A MULHER NEGRA, O AMOR *PER SI* NA DINÂMICA O COLETIVO-INDIVIDUAL

O amor, em *Arte de Amar* (FROMM 2000), orienta a pessoa para o todo, para o

mundo e não apenas para um único objeto, ou para seus semelhantes. Entretanto, pessoas negras são ensinadas a gostar de tudo que remete a pessoas brancas, e a aposta de Beatriz Nascimento (RATTS; GOMES, 2015) - assim como de várias outras teóricas e ativistas que discutem sobre negritude, Neusa Souza Santos, Cida Bento, Sueli Carneiro, Lelia Gonzalez, Virgínia Bicudo, dentre outras - é de que se possa considerar que a história da nossa humanidade também foi/é construída por corpos negros, e sendo assim, não é possível uma mudança de paradigma que não passe por reconhecer o que a diáspora construiu e/ou destruiu.

bell hooks, na sua série "Tudo Sobre o Amor", aponta que não existe amor sem justiça social, sem que se revise o uso da violência para mudança do amor. E, as fugas foram respostas para não violência, visto que as pessoas em condição de fugitivas se encontravam com o outro, se movimentavam *em* e *para* coletividade, no intuito de se manter individual no coletivo, tornando assim o amor um ato revolucionário (HOOKS, 2021).

Sendo assim, pode-se observar que um possível desejo de amor pelas pessoas negras estão na busca pelo desejo de liberdade, assim esse desejo poderia ser atendido no movimento de fuga. O amor é antes de tudo prática, não apenas abstração e teor de espírito. Nesse sentido, gera o movimento da transformação, do lugar da mulher negra, antes escravizada, ama de leite e, na atualidade (GOMES, 2018), a cuidadora, para um lugar escolhido, *per si*, aquele que não foi imposto histórico-socialmente.

Nos poemas e axiomas produzidos por Beatriz (RATTS, 2015), é possível observar a sua tentativa de estabelecer uma relação consigo de forma de manter viva essa ponte entre consciente e inconsciente, de amar-se. De acordo com JUNG (1996), viver a vida é um inconsciente que se realizou, e analisando as produções de Beatriz, observa-se que ela estava em busca de viver a partir de uma conexão com o passado/presente e futuro, em um movimento de realização que não responde apenas às demandas do ego, mas do inconsciente, da totalidade de sua psique.

No documentário *Ôrí* (1989) a primeira imagem que aparece é o mar, como a representação do inconsciente, retratando o caminho realizado no encontro do oriente com o ocidente e, no caso da diáspora africana, num reencontro consigo mesma.

O ego é o centro ordenador da consciência, necessário para o contato com o inconsciente (EDINGER, 2020). De acordo com Beatriz Nascimento (2022) os corpos negros estão pejorativamente representados em diferentes espaços midiáticos e

públicos, e esse lugar inviabiliza sua individuação, no sentido de se perceber como um ser que tem alma e, portanto, um sujeito de direitos, que pode e deve existir para além das formas diferentes construídas socialmente pelo processo de colonização, cujos resquícios estão tão presentes na contemporaneidade.

A construção social e cultural de inferioridade da pessoa negra, impacta na constituição do complexo do Eu (ego) consequentemente gera complicações no desenvolvimento do ego a partir da negritude, pois ao se olhar no espelho a pessoa negra não pode se reconhecer como tal, de forma a gostar do que vê, tendo em vista que o ideal de belo e civilizado é a pessoa branca (SOUZA, 2021).

E essa problemática interfere diretamente no processo da fuga, pois nesse movimento é necessário amar-se, estabelecer pontes consigo mesmo, porque é necessário estar em si para conseguir estar com outros/seus, portanto, movimenta-se o ego. A fuga é, pois, esse impulso que leva à liberdade e possibilita o retorno, onde o corpo condensa a memória e relaciona-se diretamente e umbilicamente ao Ôrí. Fugir é uma variável constante, devido a essa, se sobe nos trilhos em busca de encarrilhar-se (NOBLES, 2009) novamente e desenvolver o amor *per si*.

O amor não se restringe ao amor romântico apenas entre duas pessoas, como uma propriedade privada, mas o amor é o motor que permite viver e que guarda seus mistérios, antes de ser algo individual, é coletivo (NOGUERA, 2020). No entanto, coletivo e individual não estão cindidos, guardam entre si uma relação, não é possível existir um sem o outro, para tanto em busca de conhecer o que é o amor, é preciso percorrer um caminho de volta para si e para busca da condição de ser espiritual, como uma perspectiva de se pensar o amor a partir da intimidade, que seja consigo no autoconhecimento, mas também com o outro.

O amor é um ato que, para pessoas negras num universo racializado e racista, requer um processo de consciência e de fuga e, para tanto, requer um ego que dê conta de acessar esses conteúdos inconscientes (EDINGER, 2020). Não é possível sobrepor o ego ao inconsciente, precisamos também compreender o inconsciente como uma dimensão objetiva da psique, no qual consta um repositório de afetos que atravessam as relações raciais no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Beatriz Nascimento materializa nas suas produções como a resistência é potente para o desenvolvimento de amor que ocorre no íntimo do ser, *per si*, em contato dinamizado com outros (as)(es). Contrariando a lógica de cuidar dos outros, incumbidas as mulheres negras que passam a compreender que o cuidar de si é tão importante e potente quanto estar com outros(as) (es), fazendo com que esses comportamentos de um passado escravocrata sejam tensionados e ressignificados, nessa reconexão entre passado-presente-futuro, dinamizada pelo Ôrí e condensada no corpo, em movimento de fuga.

Fuga pode ser entendida como uma estratégia político-ideológica cujo poder simbólico e estrutural movimenta a subjetividade dos sujeitos negros. A fuga é criativa; por meio dela os negros de caça se tornam os caçadores, em um fenômeno contra-passivo e contra-civilizatório.

O processo complexo e sistemático da fuga ocorre na dimensão do Ôrí, que propõe essa metamorfose ritualizada, minuciosamente pensada, dinamizando material e imaterial, simbólico-linguagem e corpo-natureza. Na re-selvaginização, o corpo como elemento se movimenta pelo impulso fugaz, em busca do eu que se descobre *per si*, neste impulso para e pela liberdade. Ao se metamorfosear na dimensão do Ôrí o eu renasce, porque a fuga liberta. Se foge para liberdade e se liberta no processo contínuo de fuga.

A fuga como resistência escrava também pode ser compreendida pela sua dimensão simbólica, de modo que foge-se também das opressões e da lógica colonizadora que aprisiona tanto corpos pretos quanto brancos. Com isso, compreender a memória negra enquanto um lugar que está dotado de saber e de respostas contribui para o encontro com nosso ser. Não será possível um caminho de liberdade que não seja a partir de encontro com o passado. Num sankofar¹³, fugir é, alimentando-se do passado, edificar os horizontes e futuros. Numa sociedade em que os epistemicídios e necropolíticas visam a aniquilação de corpos, culturas e pensamentos negros, fugir é um ato de amor, pela preservação de si e dos seus.

REFERÊNCIAS

¹³ Sankofar é um símbolo, cuja perspectiva entende o passado, presente e futuro em relação, portanto, não se pode esquecer o passado, pois esse é uma base imprescindível para o futuro.

- HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: *História geral da África*, I: metodologia e pré-história da África. 2010. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000190249>. Acesso em: 6 out.2024.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. Resistência. In: *Dicionário de política*. 12. ed. Brasília: Ed. da UnB, 2002.
- BONA, Dénètem Touam. *A arte da fuga: dos escravos fugidos aos refugiados*. São Paulo: OIP, 2016.
- ERICH, Fromm. *A arte de amar*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FOUCAULT, Michael. Vigiar e Punir: história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.
- EDINGER, Edward F. (1922-1998). *Ego e Arquétipo: uma síntese fascinante dos conceitos psicológicos fundamentais de Jung*. tradução Adail Ubirajara Sobral. 2ªed. São Paulo: Editora Pensamento Cultrix, 2020.
- EVARISTO, Conceição. *Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo* (Org.). DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. 1ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- GOMES, Flavio dos Santos. Quilombos/Remanescentes de quilombos. In: *Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos*/Organização: Lilia Moritz Schwarcz e Flávio dos Santos Gomes (Orgs.) - 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras. 2018.
- HOOKS, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Elefante, 2021.
- JUNG, Carl Gustav. *Memórias, sonhos e reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- MICHAELIS. *Dicionário brasileiro da Língua portuguesa*. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/normatizar/>. Acesso em: 10. nov. 2024.
- NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de Quilombo e a resistência cultural negra. *Afrodiáspora*, ano 3, n. 6-7, p.41-48,1985. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4408010/mod_resource/content/2/NASCIMENTO-Beatriz_O%20conceito%20de%20Quilombo%20e%20a%20resist%C3%Aancia%20cultural%20negra.pdf>. Acesso em: 10 out. 2024.
- NASCIMENTO, Beatriz. *O negro visto por ele mesmo: ensaios, entrevistas e prosa*. Rio

de Janeiro: Ubu Editora. 1ª ed. 2022.

NASCIMENTO, Beatriz. *Kilombo e memória comunitária: um estudo de caso*. In: *Eu sou atlântica: Sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa social, 2006.

NATIVIDADE CARNEIRO, Anita. Harriet Tubman: O papel da mulher negra na resistência à escravização nos Estados Unidos da América. *Revista Aedos*, [S. l.], v. 11, n. 24, p. 189–209, 2019. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/78696>. Acesso em: 5 nov. 2024.

NEVES, Raphael. Fugas de escravizados e os anúncios de fugas. *Biblioteca Nacional Digital* (História do Brasil, Memória).nov/2023. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/fugas-de-escravizados-e-os-anuncios-de-fuga/>. Acesso em: 05 nov. 2023.

NOBLES, Wade. Sakhu Sheti: Retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado. In E. L. Nascimento (Org.). *Afrocentricidade: Uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo, SP: Selo Negro, 2009.

NOGUERA, Renato. *Por que amamos: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor*. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2020.

RATTS, Alex. *Eu sou atlântica: Sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa social, 2006.

RATTS, Alex (org.). *Uma História Feita por Mãos Negras*. São Paulo: Ed. Zahar, 2021.

RATTS, Alex (org.); GOMES, Bethania(org.) *Todas (as) distâncias: poemas, aforismo e ensaios de Beatriz Nascimento*. Salvador: Editora Ogum's Toque Negros, 2015.

REIS, Rodrigo Ferreira dos. A escrita da história nas narrativas de Beatriz Nascimento: possibilidades de se historicizar "soul, da alma do homem escravo".In: 32º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH. Nacional, 2023, São Luiz-MA. *Anais do 32º Simpósio Nacional de História*. Disponível

em:https://www.snh2023.anpuh.org/resources/anais/11/snh2023/1693749277_ARQUIVO_90d3e6f5e92de9230731897061888d06.pdf. Acesso em: 04 nov. 2024.

REIS, Rodrigo Ferreira dos. Ôrí e memória: o pensamento de Beatriz Nascimento. *Sankofa* (São Paulo), São Paulo, Brasil, v. 12, n. 23, p. 9–24, 2019. DOI: 10.11606/issn.1983-6023.sank.2019.169143. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/sankofa/article/view/169143>. Acesso em: 24 out. 2024.

SOUZA, Neuza Santos. *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro*

brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

ÔRÍ. Direção de Raquel Gerber. Brasil: Estelar Produções Cinematográficas e Culturais Ltda., 1989, vídeo (131 min), colorido. Relançado em 2009, em formato digital.

Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1PBQutmbrgakx63IUUD8qOgIM2wKVI4n/view>. Acesso em: 04 nov. 2024.

SCHWARTZ, Stuart B. *Mocambos, Quilombos e Palmares: a resistência escrava no Brasil colonial*. Estudos Econômicos (São Paulo), São Paulo, Brasil, v. 17, n. Especial, p. 61–88, 1987. DOI: 10.11606/1980-535717n3sbs. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/ee/article/view/157408>.. Acesso em: 10 nov. 2024.

YAMASHITA, Jougi G. O conceito de Resistência entre a memória e a história. In: XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH, 2013, Natal-RN. *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História*. Disponível em:

https://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364687590_ARQUIVO_Jougi_A_NPUH.pdf. Acesso em: 04 nov. 2024.